

Foll  
82 29724  
1

# Para todo trabalho e outros poemas

Elvio Romero



SE ME DESMORONA TIERRA POR DENTRO  
BAJO TU PIEL AHORA QUE SIENTES  
-VUELVO OTRA VEZ A TI MI TIERRA  
-DIA A DIA TOCO EL ALBA  
de LA MAZ- ADOBE Y HORROR  
LAS HERRADURAS DE SUS AMOR  
EL CEDRO Y LA POMAROSA  
-TIPALE MI JARDIN EN EL PEDRO



Mercosur lee

PARAGUAY

INV	029724
SIG	Fall 82
LIB	1

"Son ellos", "Vuelvo hacia ti, mi tierra", "Con ese mismo corazón que cantaba" y  
"Para todo trabajo" de Elvio Romero  
© Elvio Romero

Traducción al portugués: Laura Berchansky  
Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Mariana Monteserin  
Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

**Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología**

Unidad de Programas Especiales  
Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075  
campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005



ELVIO ROMERO

## SÃO ELES

Amor: este é o meu pai, Pablo,  
paraguaio do norte. As nervuras da sua mão  
são de tanino vermelho. Sinto-o avançar como outrora,  
silencioso e alto. Conhece o rio e a madeira.  
Poderia dobrar o sino da cidade.  
A estrela da tarde o cumprimenta no verão.

E esta é a minha mãe, Carmen,  
forte e doce. Tingiu seus olhos da cor do céu.  
A vejo chegar por um caminho de flores  
acolhendo seus filhos. Ela é do sul.  
Voam borboletas por onde ela passa. Uma luz verde  
a cerca. Traz um jardim no seu peito.

Haverá que abrir a casa  
para ordenar esses ímpetos. Acho que a chuva  
vem com eles (chuva coberta de resplendor e poeira).  
Acaso exista uma lembrança que os volte a anos passados.  
Venham, digo a mim mesmo; convido,  
a estes importantes visitantes! Já estão aqui,  
mãe e pai. De alguma forma  
também será deles esta viagem  
que vamos empreender, esta música de luzeiros  
que irromperá seguindo a luz do dia.

## VOLTO A TI, MINHA TERRA

Volto outra vez a ti, minha terra,  
a teu curral, a tua real paragem corada  
de aguerridos ventos rivais;  
volto a tua lua cheia, de cor eterna;  
eu, violeiro perdido em teu palmeiral e em tua alfarrobeira,  
que bebi trêmulo em teu cantil cheio de luzeiros,

Consegui realmente, com meu cantar  
fixarte no centro,  
com teu pranto e tua saga como através de um sonho.

Eu te sonhei nas tardes  
e acaso tu comigo sonhavas (tal filho  
para tal pai); eu aguardei na tranqueira  
o tempo todo tua chegada, meu país, com a testa  
descoberta e olhando te ergueres do pó,  
da fumaça que te cobria, da ignomínia e da desgraça;  
te esperei, meu Bem, e seguramente  
me esperavas; mas houve um desencontro  
e fui jogado para um turbilhão de sombras e de vertigem,  
como uma lança de fogo na noite de São João,  
por meus vales.

Volto a teu curral, minha terra,  
como animal sedento a seu tanque. Nada  
foi melhor para mim que o ouro do teu resplendor (um vínculo no  
meu coração), que aquelas garças do esteiro  
de minha infância, que o cedro e a macieira de minha casa;  
tu viveste em mim, de pé, como se fosses eu mesmo, e  
eu vivi sentado nos teus joelhos  
olhando para um horizonte sonoro de estorninos,  
e me parece que tudo se ajustou a essa antiga lei  
do sangue atraído pelo sangue.

Então, diga-me agora, país silencioso  
de milho, de adobe e forno,  
agora que acabou meu canto e meu louvor,  
que será de ti, finalmente, castigado, triste,  
confundido por quem nunca o quis,  
E que será de mim, agora que sinto  
que a terra desabou por dentro, sabendo  
que tu és o homem e eu a terra;  
Que faremos agora, sozinhos, cochichando perdidos no palmeiral?  
Que restará de tudo isto, digo-me? Que será destes vales  
imaginários? Que haverá do errante (de mim) que já não  
senão tábua futuante do Pirapó, de sua memória, dos circuitos infernais  
que o reduziram a nada,  
a ser ninguém entre um monte de cinzas  
de uma fogueira extinta?

Então vou embora com minha música  
para outro canto, outros pátios. E te levo comigo;  
melhor, tu me levas, me arrastas a meus próprios costumes  
dentro de ti, como se fosse o suor e o músculo  
sob tua pele, agora que sentes  
que te desabafas como se fosses um homem,  
minha terra, meu país, meu violeiro doce sob a lua cheia.

## COM ESSE MESMO CORAÇÃO QUE CANTAVA

*Em memória de Wilfrido Álvarez, mártir paraguaio.*

Sonhou com um país  
que fosse uma correnteza  
de rios ao andar,  
de jasmims diante,  
de grãos de milho,  
de ressoante cantar.

Hoje lembro do rosto que tinha  
rasgo de argila e terra do lugar,  
onde encontrasse o segredo de pulsar  
com o aço de sua rebeldia  
o cívico violão popular.

Sonhava com um país  
belo, com a camisa bordada  
da nossa cor, das nossas vastas  
chuvas nas madrugadas;  
como sulcos queria,  
que todo o esforço dos homens cantasse.

Ele dizia: –De todos  
será o pão da terra  
quando a terra for de todos.

E haja pão para todos.

Dizia: –em paz sobre a terra  
descansará o irmão  
quando se vive em paz sobre a terra.

E haja paz para todos.  
Ele dizia: –Que grandiosa  
a pátria livre! Tornemos  
livre a pátria grandiosa!

Sonhava com um país  
claro, fértil, que não oprimisse e sangrasses  
como um violento despojo, queria  
que em um país de lavoura  
calculassem o sangue, o vale, as cordilheiras, os rios;  
o sonho, assim, sem jamais desviar  
os passos, a voz, os olhos  
dessa intensa claridade.

País de sol e açafão e coração de violão.

Homem por inteiro,  
tinha pó de povo no rosto.

Levantou-se pelos que jaziam,  
vestiu o sol de cada manhã,  
noite a noite iluminou o dia,  
dia a dia tocou a aurora,  
sofreu prisão por ser livre,  
levou luz de casa em casa,  
pediu pelos que não pedem,  
por outros feriu sua entranha.

E se partires agora, volta nessa maré  
de raios solares altos que batem com fúria e com constância.  
Ao meio-dia claro, volta à clandestina tormenta  
das horas  
em que seu coração, puro e vivo, cantava;  
volta a olhar as coisas dos homens iguais  
na orfandade tirânica, na luz faminta,  
na humildade e no orgulho;  
volta, volta ao mesmo, volta a jogar sua cólera  
no rosto do verdugo,  
sua cólera mais profunda que o ódio e a vergonha  
do verdugo, maior que o gesto do verdugo  
traidor, volta, pleno e íntegro, como sempre  
voltava (sem partir jamais) desse pais que era  
a imagem da tua vida.

Volta assim nesta tarde.

Volta com um sorriso  
de inocente caminho com que ardia o dia,  
com essa fortaleza de bosque dos seus sonhos,  
com esses camaradas que são o sal da terra  
e voltam, com ele voltam à região e ao tempo  
de redimir o sangue do crime e da injúria.

Volta assim nesta tarde, regressa ao medi-dia,  
volta com esse mesmo coração que cantava.



## PARA TODO TRABALHO

*A Francisco Marín*

Para todo trabalho,  
senhor,  
duros e competentes em pontear o gado  
e em talar quebrachos,  
surgir nos montes a escuridão do amanhecer,  
molhar os legumes secos no verão,  
desbravar alazãos indomáveis,  
apagar a fumaça do noroeste triste.

Para todo trabalho,  
senhor.

Vimos  
dos atalhos profundos,  
dos gritos cortantes nas encruzilhadas,  
da escuridão sucedida nas madrugadas altas  
de luzeiros,  
do gume serviçal dos punhais,  
de aguaceiros quentes, obras e fronteiras.

Para todo trabalho,  
senhor;  
seguir, rastrear as pegadas  
de jaguares estimulados no silêncio escuro,  
vigiar as chuvas que molham as folhagens,  
empurrar as tormentas sobre as cordilheiras.

Vimos  
de medir o arquejo das bestas;  
da fome, a fome, a fome, negro chacal do  
peito,  
das planícies áridas, sedentas,  
do músculo agitado sobre um punho anelante.

Para todo trabalho,  
senhor.

E para um día afastar  
a afronta  
e a orquídea de sangue nas palmeiras,  
e com mão afiada por cobras corais  
chamar aos descalços,  
e debulhar milho de sorriso amarelo  
e, a grandes passos pisar o verde dos vales.

!Para todo trabalho, senhor!

## ELVIO ROMERO

### SON ELLOS

Amor: este es mi padre, Pablo,  
paraguayo del Norte. Las nervaduras de su mano  
son de tanino rojo. Lo siento avanzar como antaño,  
callado y alto. Conoce el río y la madera.  
Podría echar a vuelo las campanas del pueblo.  
La estrella de la tarde lo saludó en verano.

Y ésta es mi madre, Carmen,  
fuerte y dulce. Tiñó los ojos de un color de cielo.  
La veo venir por una senda de flores  
cobijando a los hijos. Ella es del Sur.  
Vuela una mariposa por donde pasa. Una luz verde  
la circunda. Trae un jardín en el pecho.

Habrá que abrir la casa  
para acomodar estos ímpetus. Se me hace que la lluvia  
llega con ellos (lluvia envuelta en resol y polvareda).  
Acaso haya un recuerdo que los vuelva a otros años.  
¡Vengan, me digo a mí mismo; asiento,  
para estos hondos visitantes! Ya están aquí,  
padre y madre. De algún modo  
será de ellos también este viaje a la lumbre  
que emprendemos, esta canción de luceros  
que irrumpirá siguiendo la claridad del día.

## VUELVO HACIA TI, MI TIERRA

Vuelvo otra vez a ti, mi tierra,  
a tu corral, a tu real paraje colorado  
de belicosos vientos adversarios;  
vuelvo a tu luna plena, de color sempiterno;  
yo, guitarrero perdido en tu palmar y en tu algarrobo,  
que bebí tembloroso tu cantimplora llena de luceros,

¿cumplí de veras –te pregunto– con mi cantar al  
plantarte en su centro,  
con tu llanto y tus gestas como a través de un sueño?

Yo te soñé en las tardes  
y acaso me soñabas (tal hijo  
para cual padre); yo esperé en la tranquera  
el tiempo todo tu llegada, mi país, con la frente  
descubierta y mirándote levantarte del polvo,  
del humo que te cubría, de la ignominia y la desgracia;  
te esperé, mi querencia, y seguramente  
me esperabas; pero hubo un desencuentro  
y fui arrojado a un vórtice de sombras y tú a ese vértigo,  
como un asta de fuego en la noche de San Juan,  
por mis valles.

Vuelvo a tu corral, mi tierra,  
como animal a sus aguadas. Nada  
fue para mí mejor que el oro de tu fulgor (un lazo  
en mi corazón), que aquellas garzas del estero  
de mi niñez, que el cedro y la pomarrosa de mi casa;  
viviste en mí, de pie, como si fueras yo mismo, y  
yo, viví sentado en tus rodillas  
mirando un horizonte sonoro de zorzales,  
y se me hace que todo se cumplió con esa ley antigua  
de la sangre atraída por la sangre.

Entonces, dime ahora, país callado  
de maíz, de adobe y horno,  
ahora que termino mi canto y mi alabanza,  
¿qué será de ti también, al fin y al cabo, vapuleado, triste,  
enajenado por quienes nunca te quisieron,  
y qué será de mí, ahora que siento  
que se me desmorona tierra por dentro, sabiendo  
que tú eres el hombre y yo la tierra;  
qué haremos ahora, solos, musitantes perdidos en el palmar?  
¿Qué quedará de todo esto, me digo? ¿Qué de estos valles  
imaginarios? ¿Qué del errante (de mí) que ya no es  
sino tabla flotante del Pirapó, de su memoria, de los círculos infernales  
que lo redujeron a nada, a ser nadie  
entre un montón de cenizas de un fogón apagado?

Me voy entonces con mi música  
a otro rincón, a otros patios. Y te traigo conmigo;  
mejor dicho, me llevas, me arrastras a mis propias costumbres  
dentro de ti, como si fuera el sudor y el músculo  
bajo tu piel, ahora que sientes  
que te desmoronas también como si fueras un hombre,  
mi tierra, mi país, mi guitarrero dulce bajo la luna llena.

## CON ESE MISMO CORAZÓN QUE CANTABA

*En memoria de Wilfrido Álvarez, mártir paraguayo.*

Soñó con un país  
que fuera una corriente  
de ríos al andar,  
de jazmines la frente,  
de granos de maíz  
resonante el cantar.

Hoy recuerdo su rostro que tenía  
rasgo de arcilla y tierra del lugar,  
donde hallara el secreto de pulsar  
con el acero de su rebeldía  
la cívica guitarra popular.

Soñaba con un país  
hermoso, con la camisa bordada  
de color nuestro, de lluvias  
nuestras y vastas en las madrugadas;  
iguales surcos quería,  
que todo en el esfuerzo de los hombres cantara.

Él decía: –De todos  
será el pan en la tierra  
cuando la tierra sea para todos.

Y haya pan para todos.

Decía: –En paz sobre la tierra  
descansará el hermano  
cuando se viva en paz sobre la tierra.

Y haya paz para todos.  
Él decía: –¡Qué hermosa  
la patria libre! ¡Hagamos  
libre a la patria hermosa!

Soñaba con un país  
claro, fértil, que no oprimiera y sangrara  
como un despojo deshecho, quería  
que en un país de labranzas  
cantasen la sangre, el valle, las cordilleras, los ríos;  
lo soñó así, sin que jamás retirara  
los pasos, la voz, los ojos  
de esa intensa lumbrarada.

País de sol y azafranes y corazón de guitarras.

Varón entero, tenía  
polvo de pueblo en la cara.

Se alzó por los que yacían,  
vistió el sol cada mañana,  
noche a noche alumbró el día,  
día a día tocó el alba,  
sufrió prisión por ser libre,  
llevó luz de casa en casa,  
pidió por los que no piden,  
por otros hirió su entraña.

Y si ha partido ahora, vuelve en esa marea  
de resolanas altas que golpea con furia y con constancia.  
El mediodía claro, vuelve a la clandestina tormenta  
de las horas  
en que su corazón, puro y vivo, cantaba;  
vuelve a mirar las cosas de los hombres iguales  
en orfandad tiránica, en luz torva y hambrienta,  
en humildad y orgullo;  
vuelve, vuelve a lo mismo, vuelve a arrojar al rostro del  
verdugo su cólera,  
su cólera más honda que el odio y la vergüenza  
del verdugo, más inmensa que el gesto del verdugo  
alevoso, vuelve, cabal y entero, como siempre  
volvía (sin que jamás partiera) de ese país que afuera  
la imagen de su vida.

Vuelve así en esta tarde.

Vuelve con la sonrisa  
de inocente camino con que incendiaba el día,  
con esa fortaleza de bosque de sus sueños,  
con esos camaradas que son sal de la tierra  
y vuelven, con él vuelven a la región y al tiempo  
de redimir la sangre del crimen y el ultraje.

Vuelve así en esta tarde, regresa al mediodía,  
vuelve con ese mismo corazón que cantaba.



## **PARA TODO TRABAJO**

*A Francisco Marín*

Para todo trabajo,  
señor,  
fieros y competentes en puntear las reses  
y en talar quebrachales,  
repuntar en los montes la cerrazón del alba,  
regar las hortalizas secas en el verano,  
desbravar alazanes indomables,  
apagar la humareda del noroeste triste.

Para todo trabajo,  
señor.

Venimos  
de los atajos hondos,  
de los gritos tajantes en las encrucijadas,  
de torvos sucedidos en madrigadas altas  
de luceros,  
del filo servicial de los puñales,  
de aguaceros calientes, obrajes y fronteras.

Para todo trabajo,  
señor;  
seguir, rastrear las huellas  
de jaguares cebados en un silencio oscuro,  
pastorear las lluvias que apresan los follajes,  
empujar las tormentas sobre las cordilleras.

Venimos  
de medir el jadeo de las bestias;  
del hambre, el hambre, el hambre, negro chacal del  
pecho,  
de las llanuras áridas, sedientas,  
del músculo azogado sobre un puño anhelante.

Para todo trabajo,  
señor.

Y para un día sacudir  
la afrenta  
y la orquídea de sangre en las palmeras,  
y con mano afilada por serpientes corales  
llamar a los descalzos,  
y desgranar maíces de sonrisa amarilla  
y a grandes pasos verdes apisonar los valles.

¡Para todo trabajo, señor!

---

## ELVIO ROMERO

---

Nació en Yegros, el 12 de diciembre 1926. Se incorporó a la vida literaria de Asunción siendo muy joven.

En 1947 tuvo que exiliarse a la Argentina. Primeramente vivió en Chaco, y por su casa pasaron camino del exilio, figuras como José Asunción Flores, Herminio Giménez, los hermanos Larramendia, y muchos otros. Posteriormente se instaló en Buenos Aires y desde entonces su voz (testimonio poético de las vicisitudes y los padecimientos de su país) se dio a conocer en la América Latina.

Recibió el elogio y el reconocimiento de numerosos lectores, entre ellos tres ganadores del Premio Nobel de Literatura, como Gabriela Mistral, Miguel Ángel Asturias y Pablo Neruda.

Es la voz poética paraguaya más conocida en el mundo hispano hablante. Entre su obra poética, destacamos *Días roturados* (1947), *Resoles áridos* (1948-49), *Despiertan las fogatas* (1950-52), *El sol bajo las raíces* (1952-55), *De cara al corazón* (1955), *Esta guitarra dura* (1960), *Un relámpago herido* (1963-65), *Los innombrables* (1959-73), *Destierro y atardecer* (1962-75), *El viejo fuego* (1977), *Los valles imaginarios* (1984), *Flechas en un arco tendido* (1983-1993), *El poeta y sus encrucijadas* (1991).

Producido el derrocamiento de Alfredo Stroessner, pudo regresar al país donde tomó contacto con sus amigos y colegas paraguayos. Fue miembro de número de la Academia Paraguaya de la Lengua Española. Murió en el año 2004.

---



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*  
**EDUCACIÓN**  
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización  
de Estados  
Iberoamericanos

Para la Educación,  
la Ciencia  
y la Cultura

